

O BOVARISMO EM CLARA DOS ANJOS
UMA IDENTIDADE EQUIVOCADA

Neide Amorim Ernesto (UNIGRANRIO)

ernestoneide@gmail.com

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir o bovarismo presente nas atitudes da personagem Clara dos Anjos. A partir do seu caráter apagado e de seu alheamento às normas burguesas do início do séc. XX, traçamos um recorte sociológico e psicológico acerca de sua visão equivocada sobre a própria identidade. Para tanto, pesquisamos o tema em livros, artigos e no corpus literário do romance homônimo. Nossa principal conclusão foi a de que o cerceamento em que vivia, não permitindo conhecer o seu entrelugar perante a sociedade da época, conduziu Clara à construção de uma identidade irreal como uma espécie de preenchimento do vazio causado pelas circunstâncias em que foi criada e pela cultura em que estava inserida.

Palavras-chave: Identidade. Bovarismo. Clara dos Anjos. Cultura.

1. Introdução

A construção da identidade perpassa por uma série de acontecimentos que fazem com que ela se modifique e se construa constantemente. Uma série de fatores influenciam esse processo. A própria cultura em que estamos inseridos já nos direciona a aceitar ou rejeitar um determinado padrão de comportamento. Uma série de estereótipos nos influencia e acabamos por repeti-los de forma automática, sem nos perguntarmos se aquilo é correto ou não.

Se você corresponde ao que é preconizado pela maioria, se você se enquadra aos padrões correspondentes da época, sua vida é facilitada. Se não, sofre por não corresponder ao que é considerado certo.

Algumas pessoas criam uma forma de escapar dessas regras impostas pela sociedade. Isso faz com que elas criem para si uma visão equivocada sobre a própria personalidade, deixando-a exposta aos “castigos” impostos por uma sociedade que não perdoa quem não obedece aos seus ditames.

A personagem Clara dos Anjos criou para si um mundo que não era real e isso lhe custou caro, se é que, realmente, a personagem assume

algum posicionamento diante de seus problemas. Suas expectativas em relação ao seu futuro eram pautadas em uma espécie de devaneio permanente. Assim, em sua opacidade, parecia vislumbrar um mundo étnico e genérico igualitário, em que a posição da mulher (não apenas as negras), em termos de liberdade e respeito em relação ao seu corpo já fosse respeitada. Aceitava a opressão às mulheres como algo normal e não sabia que as pessoas diferenciavam as brancas das negras ou mestiças. Sendo assim, alheia a tudo por ter sido criada como uma moça branca, transformou-se em um ser de inocência exacerbada. E por isso mesmo, uma presa fácil para o personagem Cassi Jones.

Essa equivocada visão da própria identidade foi denominada Bovarismo pelo ensaísta Jules de Gaultier, ao ler *Madame Bovary*, publicando um ensaio chamado *O bovarismo*, a psicologia na obra de Flaubert (*Le Bovarysme, la Psychologie dans l'Oeuvre de Flaubert*), de 1892 e *O bovarismo*, ensaio sobre a capacidade de imaginar (*Le Bovarysme, Essai sur le Pouvoir d'Imaginer*) de 1902.

Lima Barreto, leitor assíduo de Literatura estrangeira, se autodenominou bovarista e traçou exatamente esse perfil para Clara dos Anjos, criando uma personagem que vivia em um mundo a parte.

É importante observar que no decorrer do texto estabeleceremos a comparação entre o bovarismo de Emma em *Madame Bovary* e o de *Clara dos Anjos* do romance homônimo.

Torna-se, fundamental, para que se entenda sobre a raiz do que se passará a denominar, aqui, de bovarismo, apontar para a importância do posicionamento do narrador em relação ao que os leitores sabem – ou podem saber – sobre as atitudes e sentimentos da protagonista do romance. O que se sabe sobre Clara dos Anjos advém de uma narração que não dá voz, efetivamente à personagem. Assim, Clara parece ser menos personagem que um ponto de partida para que o narrador apresente, o romance através de seu ponto de vista (crítico) as mazelas da sociedade, principalmente, da periferia (dos subúrbios).

Partindo desse destaque do poder do narrador, na construção ficcional da personagem, neste artigo, delinearemos o perfil de Clara e os fatores que a transformaram nesse ser tão “amorfo e pastoso” como Barreto a definiu. A falta de informação sobre o mundo real foi decisiva para que ela se deixasse seduzir por Cassi Jones de maneira tão fácil e criasse uma expectativa irreal, mas que se encaixava perfeitamente em seu bovarismo.

2. *A construção da identidade*

A nossa identidade está em permanente construção. Passamos por fases na vida em que a nossa visão de mundo se modifica de acordo com a nossa experiência. Somos influenciados por uma série de fatores e conforme desenvolvemos o nosso grau de reflexão, percebemos que nossa visão a respeito de um determinado fato se modifica ao longo do tempo. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 1990, p. 12)

A cultura em que vivemos norteia a maior parte de nossas ações. Basta olharmos para um país completamente diferente do nosso para acharmos que determinados fatos são descabidos e assim vice-versa. Raras são as pessoas que refletem se determinado comportamento preconizado pela sociedade em que vivem é errado ou não.

Se nos enquadrarmos ao perfil considerado correto, estamos a salvo de atitudes discriminatórias que fazem com que nos sintamos como cidadãos de segunda classe. Mas se não nos adequarmos ao que é traçado como regra na sociedade vigente, sofremos e quem se atreve a burlar tais regras é excluído, execrado e considerado subalterno.

O sujeito subalterno é aquele que de acordo com a cultura em que está inserido não se adequa aos ditames considerados superiores. No que concerne ao nosso texto, referimo-nos especificamente à questão da mulher negra que encerra os dois tipos de subalternidade.

Imaginemos agora, se essas características que não se enquadram aos padrões vigentes, ocorreram no início do século XX e se referem ao gênero e a raça. Ora, a sociedade burguesa da época seguia regras patriarcais e preconceituosas pautadas nas teses científicas do século XIX. Essas regras inferiorizavam tanto a mulher quanto o negro. “A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras”. (SPIVAK, 2010, p. 110)

No perfil traçado por Lima Barreto de Clara dos Anjos em seu livro homônimo, percebemos que ele está se referindo não somente às mulheres, mas ao negro em geral, afim de despertá-los para a realidade que os cercava.

Causando-nos inquietação e desconforto, os escritos de Lima Barreto apresentam-nos dados da época em que viveu e traços marcantes de sua vida

cercada pelo embate às ideologias raciais e da luta pelo reconhecimento não só literário, mas também humano. Através de suas personagens, permite-nos, uma releitura da sociedade brasileira contemporânea, de nossa crise identitária e da busca desenfreada pela autoafirmação de uma unidade nacional perante a cultura colonialista. (JESUS & FRAZÃO, 2012, p. 8)

3. A definição de bovarismo

Ao longo de sua vida, Lima Barreto, com todas as decepções e angústias, por não conseguir realizar seus sonhos por motivos de preconceito e rejeição sofridos na época, criou personagens e situações em sua obra que realmente fizeram parte de sua vida. Ele mesmo se autodenominou bovarista em seu *Diário Íntimo*, reconhecendo traços dessa peculiar característica em sua identidade.

Último dia do mês em que, com certa regularidade, venho tomando notas diárias da minha vida, que a quero grande, nobre, plena de força e de elevação. É um modo do meu “bovarismo”, que, para realiza-lo, sobra-me a crítica e tenho alguma energia. (BARRETO, 1953, p. 90).

O termo bovarismo originou-se de dois livros escritos por Jules Gaultier: *O Bovarismo, a Psicologia na Obra de Flaubert* e *O Bovarismo, Ensaio sobre a Capacidade de Imaginar* de 1902. Esses livros foram baseados pelo estudo da identidade da personagem Emma em *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. “Embora o ponto de partida seja, naturalmente, o *Madame Bovary* de Flaubert, a revelação lhe veio por um livro de Jules de Gaultier, *Le Bovarysme*. Bovarismo é a contradição entre o que se pensa que é e o que se é de verdade”. (RUFINO, 2004, p. 108)

Se considerarmos que a pessoa não corresponda aos padrões exigidos pela sociedade; se é considerada duplamente subalterna; ou se vive uma realidade que não a faz feliz, ela pode criar uma identidade equivocada, pautada em algo fictício, como na leitura de livros românticos, que é o caso de Emma Bovary.

Antes de se casar, Emma julgara sentir amor, mas a felicidade que deveria resultar desse amor, não aparecera, pelo que se deveria ter enganado, pensava ela. Procurava agora saber o que se entendia, ao certo, nesta vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que, nos livros, lhe haviam parecido tão belas. (FLAUBERT, 2000, p. 330)

Emma não era feliz com a vida real e criou para si uma identidade pautada nos livros românticos que lia. Chegou ao ponto de delinear sua personalidade, baseada no enredo desses livros. Assim, ela se casou, mas

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

esperava um marido com a personalidade dos mocinhos do Romantismo. Sentindo-se infeliz, teve alguns relacionamentos paralelos que também não a completavam. No final do livro, como suas expectativas não eram correspondidas, suicida-se.

No momento em que a heroína do romance conhece Charles, seu marido, ainda está sob influência da nostalgia do colégio de freiras e dos sonhos e histórias com “anjinhos de asas douradas, madonas, lagos e gondoleiros”. Acredita ter encontrado o amor, mas muito rapidamente se decepciona. Pouco depois do casamento, ela é tomada por um “inefável mal-estar, que muda de aspecto como as nuvens e turbilhona como o vento”. Na verdade, Charles é incípite e está a léguas da ideia que ela fazia dos homens. A conversa dele é plana, rasa, e suas palavras desfilam sem provocar nenhuma emoção, riso ou sonho. (DIEGUEZ, 2010, [s.n])

O próprio Lima Barreto, que era leitor assíduo de livros estrangeiros, dentre eles os de Jules Gaultier, reconheceu em sua personalidade traços de Bovarismo. E considerando que em sua obra, há traços biográficos visíveis, analisamos a personalidade de Clara dos Anjos e identificamos, na personagem, a mesma característica. “Através da ficção, Lima Barreto como que procurava explicar o próprio caso, remontando às origens obscuras da sua família. E isso não acontece apenas em Clara dos Anjos”. (BARBOSA, 2002, p. 41)

Esses autores foram lidos na sua adolescência e mais tarde, ele escreveu um artigo chamado “Casos de Bovarismo”, entretanto não mencionou o seu. Ora, não há nada de estranho nisso, visto que “Diário íntimo” não foi escrito com a intenção de ser publicado. O seu biógrafo Francisco de Assis recolheu seus papéis que estavam sob a guarda de sua irmã Evangelina e o publicou em forma de livro.

Acontecimentos negativos, na vida de Lima Barreto, contribuíram para que ele se considerasse bovarista. A angústia de conviver com pessoas que não tinham os mesmos interesses que ele no seio da própria família, o fato de considerar-se injustiçado por não ter completado a Escola Politécnica, a noção de que era um ser considerado inferior aos outros e a sensação de impotência em reverter toda essa situação negativa e angustiante, levou-o ao vício do álcool com o seu precoce falecimento. “A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu bovarismo?” (BARRETO, 1953, p. 91)

4. O bovarismo em Clara dos Anjos

Lima Barreto além de se autodenominar bovarista, também permeava sua obra com características autobiográficas. Em *Clara dos Anjos*, percebemos que sua personagem homônima também sofre desse mal. Por razões que analisaremos a seguir.

Lima Barreto delineou a personagem como uma figura apagada, alheia aos acontecimentos da vida. Se por um lado, a personagem Emma de Madame Bovary construiu seu bovarismo através dos livros românticos, Clara o construiu através das modinhas que ouvia, pois havia vários impedimentos que não permitiam que ela se tornasse um ser reflexivo e conseqüentemente pudesse se defender de qualquer eventualidade. “O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada”. (BARRETO, 2012, p. 218)

As modinhas possuíam um enredo similar aos textos românticos, fomentando ainda mais o mundo paralelo e equivocado que a personagem construiu para si.

Sua mãe, apesar de amá-la, não conversava com ela sobre os perigos que a sua condição de dupla subalternidade, naquela sociedade burguesa, traçou para ela. Ao contrário, ficavam o dia inteiro sozinhas e a única coisa que dona Engrácia fazia era tomar conta de Clara para que ela obedecesse aos preceitos burgueses. Os assuntos práticos não eram mencionados. Clara que não podia sair desacompanhada, às vezes se questionava por que suas amigas saíam e passeavam com seus pais e ela ficava em casa em um alheamento total. Somente pensava nas modinhas com temas amorosos e achava que a vida se resumia àquilo.

Na verdade, mesmo se dona Engrácia quisesse educar Clara de uma forma diferente, não saberia, já que pela descrição de seus procedimentos, pela sua relutância em sair de casa e falta de expediente para tomar decisões, por mais simples que fossem, notamos que ela fora educada da mesma forma. “Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças –, tratou de esquecer o que tinha estudado”. (BARRETO, 2012, p. 146)

E o seu Joaquim, pai de Clara que não desconfiava de ninguém, não era sagaz e se mostrava uma pessoa crédula e sendo um homem ho-

nesto, imaginava que todos tivessem o mesmo comportamento. “Não era inteligente, mas também não era peço; não era sagaz, mas também não era tolo; entretanto, não podia desconfiar de ninguém, porque isso lhe fazia mal à consciência”. (BARRETO, 2012, p. 267)

Seu Joaquim também não tinha malícia o suficiente para alertar Clara sobre os perigos da vida e que tipo de papel ela exercia dentro daquela falsa moral burguesa. Aliás, o gosto de Clara pela música, veio de seu pai que também não tinha o hábito de ler jornais, fato que contribuiu para que se tornasse tão crédulo em relação aos outros.

Sem pais sagazes para alertá-la, como Clara poderia desenvolver uma identidade baseada na realidade? Ora, ela não conhecia o significado de tal vocábulo. E a falta de rebeldia em seu traço pessoal também contribuiu para esperar o destino traçado a qualquer moça: o casamento.

Lima Barreto continua em sua descrição, comentando que ela não tinha outro conhecimento de mundo, a não ser aquele que ela mesma criara através das modinhas que escutava. Descreveu-a como um ser inepto, incapaz de outras reflexões:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava de mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer, limitava-se a vigiá-la caninamente; o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. (BARRETO, 2012, p. 219)

Mesmo que Clara tivesse um lampejo de reflexão, a cultura em que estava inserida não permitia que ela tomasse as rédeas da própria vida, pois enquanto mulher, seu lugar era o lar. No entanto, a questão da sua ignorância sobre a diferença que a sociedade fazia entre as moças brancas e negras ou mestiças foi decisiva para o fim trágico e esperado para ela, pois os contornos deterministas traçados no enredo não trazem surpresas ao leitor no epílogo da obra.

Na página 219, Lima Barreto interrompe a narrativa como autor onisciente e faz um julgamento sobre o comportamento de Clara. Soa como um desabafo às condições de todas as pessoas com as quais convivia, inclusive sua família.

Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida sobre o angustioso mistério da Morte, para poder cabalmente responder sobre o em-

prego que demos a nossa existência. Não havia em Clara, a representação, já não exata, de sua individualidade social. (BARRETO, 2012, p. 219)

Clara fora criada como uma moça branca. Não foi avisada que a questão da raça distinguia o tratamento dado às moças. Ela se conformava e achava normal a opressão por ser mulher e não pensava que sofria uma dupla subalternidade por ser mestiça. Além do mais, Lima era mestiço, mas era homem. A rua pertencia ao considerado sexo forte. Por mais que tenha sofrido por sua condição de subalterno, não tinha a dimensão precisa do que é ser mulher e negra ao mesmo tempo.

Clarinha tivera uma educação acima da média (para as moças da sua cor e condição). Isto fez dela sonhadora, lhe tirou o senso de realidade, converteu-a em presa fácil do sedutor loiro – personificação de todos os defeitos e uma só virtude: não bebia. Seu bovarismo a perdeu, enquanto o do sedutor apenas o apetrechou melhor. (RUFINO, 2004, p. 109)

4.1. O amor como principal combustível na construção do bovarismo

A tradição romântica retrata o cotidiano da aristocracia. Permeada de amores, tem como ingrediente principal as dificuldades que os jovens enamorados encontram para realizar o seu amor. Entretanto, no final do texto, eles recebem como recompensa o casamento e a promessa de serem felizes para sempre. No Romantismo, o casamento será, na maioria das vezes, no final, pois, após a sua realização, não haverá mais nada que possa obstaculizar a felicidade do casal.

Os personagens são planos e, portanto, previsíveis: a mulher, cheia de virtudes sonha em encontrar seu príncipe encantado; os homens, geralmente são seres dotados de idealismo, honra, força e coragem. O tratamento que a mulher recebe por parte dos homens, alimentam o sonho das leitoras. A retórica dos textos é permeada por metáforas que elevam a mulher a uma categoria de ser sublime e inalcançável, povoando o imaginário daquelas moças do séc. XIX de ilusões e transportando-as a um mundo irreal e impossível de se realizar, devido aos padrões rígidos da época em que a sociedade patriarcal a inferioriza.

Há anos, raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão, ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. (ALENCAR, 2012, p. 17)

No entanto, esse imaginário transforma-se em ruínas, pois o casamento na vida real é um contrato estabelecido entre as famílias e aque-

le mundo permeado por homens atenciosos e capazes de tudo para conseguir o amor de sua “senhora”, na verdade, não existe.

Usos e costumes, porém, revelam que o âmbito do poder do marido ia mais longe do que o previsto pela lei. (...) o uso da violência, considerada “legítima”, cujos limites eram debilmente contornados por aquilo que se considerava excessivo (...) (SEVCENKO, 2012, p. 17)

No caso de Clara, percebe-se que sua herança cultural não permitia a concretização de seus sonhos. Cultura essa que fazia acepção de pessoas de acordo com o estrato social, raça e gênero. Criou expectativas impossíveis de serem concretizadas, pois as letras das modinhas e canções populares estavam impregnadas de características do período romântico. Elas continham a imagem de um amor poderoso que sempre vence os acontecimentos que impedem a sua realização. O amor é eterno, garante a felicidade, o nivelamento das classes sociais, das raças e agrega expectativas em relação aos homens que absolutamente não condiziam com a realidade. Tudo isso plantado em um ambiente de baixa extração social, distante dos livros e do pensamento crítico. Ao se referir à Cassi Jones, “Clara, na sua justificável ignorância do mecanismo da nossa vida social, julgava que seus pais eram com ele injustos e grosseiros”. (BARRETO, 2012, p. 149)

Basicamente, seu bovarismo era composto pela criação equivocada que recebera dos pais que não a alertaram sobre os ditames da sociedade da época em que inferiorizavam o negro, a mulher e que o tratamento dado às mulheres era diferenciado de acordo com a sua raça.

Sua vida se resumia em ajudar sua mãe nos afazeres domésticos, em repassar as partituras de seu pai e ouvir as modinhas, cujas letras influenciaram na composição do seu bovarismo. A cadência do violão, moldando a imagem distorcida que ela tinha da própria identidade criou o falseamento de uma vida que a ela não pertencia.

5. *A falsa elite suburbana (uma espécie de bovarismo patológico)*

Podemos pensar que há um bovarismo intelectual e sentimental, e cada um apresenta tanto aspectos “normais” quanto patológicos. Estes últimos representam o falseamento exagerado da concepção de si mesmo e a ausência do senso crítico em relação a um erro cometido. “O bovarismo clínico implica que não nos damos conta de que imaginamos a nós mesmos de maneiras muito diferentes do que realmente somos”. (DIEGUEZ, 2010)

O subúrbio carioca não era homogêneo, pois havia diferenciação nas estruturas das ruas e na arquitetura das casas e esses aspectos eram essenciais no que concerne a diferenciação entre os bairros suburbanos e isso já era motivo para que se criassem hierarquias sociais no próprio subúrbio.

Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano. (BARRETO. 2012, p. 289)

No entanto, alguns moradores extrapolavam no grau de importância dado a sua condição financeira e sua origem. Um personagem interessante, dona Salustiana, insere-se nesse perfil chegando a acreditar nas próprias invenções e em seus momentos de devaneios, dizia-se descendente de nobres ingleses. De tanto repetir essa falácia, acreditava, achando-se assim superior aos outros.

Seu bovarismo ajudou a reforçar o caráter de seu filho que se achava no direito de ter tudo o que desejasse. Cassi Jones achava-se acima de tudo e de todos. Havia nele um poder de persuasão que iludia as moças facilmente. Não tinha preferências em relação ao perfil físico da mulher que seria sua vítima em potencial. Elas eram, ardidamente, escolhidas de acordo com a sua condição social. Evidentemente moças pobres eram o seu alvo, pois não tinham a quem recorrer em caso de defloramento ou gravidez.

Sua mãe, que justificava as atrocidades do filho, reforçou essa personalidade narcisista e por que não dizer com traços inerentes a de um psicopata, já que não tinha a menor empatia com o sofrimento alheio. Ele não media esforços para conseguir o que almejava. Cassi chegou ao ponto de encomendar o assassinato do padrinho de Clara, Marramaque para que este não alertasse os pais da moça sobre suas intenções. Quando Clara soubera da morte de Marramaque, teve um lampejo de discernimento e temeu que o responsável fosse Cassi, no entanto, continuou a esperá-lo. Nesse tempo, Cassi já havia fugido, deixando Clara grávida.

Cassi premeditava simplesmente, friamente, cruelmente o assassinato de Marramaque. Quando falou a respeito a Arnaldo, limitou-se a dizer: “Vamos dar-lhe uma surra”. “Por quê?”, perguntou o outro. Ele respondeu. “Esse velho está abusando de ser aleijado, para me insultar. “Merece uma surra”. Não iam sová-lo, sabiam os dois desalmados, iam matá-lo. (BARRETO, 2012, p. 286)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Lima Barreto, sempre atento a essa “burguesia suburbana” que procurava se distanciar cada vez mais dos pobres e procurando símbolos de distinção, personificou em dona Salustiana o símbolo desta classe. Através desse bovarismo patológico, ela foi a responsável pelo despertar de Clara que passou a reconhecer, da pior forma possível, a sua dupla subalternidade, pois não havia mais nada que se pudesse fazer para reverter a sua situação.

Após o relato de dona Margarida sobre o que acontecera entre Clara e Cassi, dona Salustiana mostrou-se irônica, demonstrando que nada poderia fazer a respeito. Já estava acostumada a essas reclamações, pois, Cassie tinha um grande número de moças defloradas e grávidas. A seguir, temos o diálogo entre dona Salustiana e Clara:

Que é que a senhora quer que eu faça? (...)

Que se case comigo. (...)

Que é que você diz sua negra? (...)

Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal vergonha? (BARRETO, 2012, p. 191-192)

No final do texto, Clara desperta para a sua real condição e toma ciência de que não é igual às outras moças brancas. Mesmo tendo recebido uma educação aos moldes burgueses, ela exercia uma dupla subalternidade. Certamente, depois desses acontecimentos, começou a refletir sobre sua posição na sociedade, mesmo que tardiamente.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

– Mamãe! Mamãe!

– Que é minha filha?

– Nós não somos nada nesta vida. (BARRETO, 2012, P. 294)

6. *Considerações finais*

Relações entre o que se pensa que é e o que se é realmente podem ser uma espécie de fuga de uma realidade que não nos agrada. No caso de Clara dos Anjos, influências de uma cultura eurocêntrica e sexista que vigoravam entre as regras da sociedade burguesa da época, nos faz refletir sobre o tipo de mudança que tem ocorrido ao longo do tempo. O nosso desenvolvimento tecnológico caminha a passos largos, mas a capacidade

de reflexão e a reação mediante os preconceitos absurdos que assolam a sociedade continuam. A questão da igualdade de direitos entre gêneros e etnias ainda caminha a passos curtos. Se por um lado, a mulher representa uma parte considerável de trabalhadoras, sabemos que os seus salários ainda são inferiores aos dos homens. Se hoje em dia, a questão do racismo tornou-se lei, sabemos que na prática, os negros continuam segregados nas comunidades ou na Baixada Fluminense, locais desassistidos pelo poder público e ignorado pela mídia. Os crimes contra as mulheres cometidos por seus maridos ou namorados continuam. E mesmo conhecendo o temperamento do marido, algumas ainda continuam casadas, crendo que podem modificá-los. Sim, o bovarismo continua porque ele é despertado por diversas circunstâncias. Portanto, devemos estar sempre em contato com a realidade e não criar falsas expectativas em relação ao outro ou uma identidade equivocada de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José. *Senhora*. São Paulo: Martim Claret. 2001.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. [s./l.: s./n.], 1953.
- _____. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin, 2012.
- DIEGUEZ, Sebastian. Emma Bovary e a realidade paralela. *Scientific American Mente e Cérebro*, São Paulo, out. 2010. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/emma_bovary_e_a_realidade_paralela.html>. Acesso em: 04-06-2015.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro? Martim Claret. 2014.
- JESUS, Flora de; FRAZÃO, Idemburgo. Sob os olhares de Joel Rufino e Lima Barreto: reflexões sobre linguagem, memória e identidade. *Almanaque CIFEFIL*, vol. XVI, p. 1, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social*. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*, vol. 3. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

**O CORPO NA SOCIEDADE MODERNA
A PARTIR DA LEITURA DE *AS FONTES DO SELF*:
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MODERNA,
DE CHARLES TAYLOR**

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima (UERJ)
jpineiro@unigranrio.edu.br

RESUMO

As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna (TAYLOR, 1997), é considerado um dos trabalhos mais significantes dentro da filosofia moral e da história das ideias dos últimos tempos. Ao trabalhar com as relações da identidade, Taylor apresenta uma narrativa histórico-sociológica do desenvolvimento da identidade moderna e sua relação com a moral e suas raízes. Neste sentido, como podemos perceber a partir das questões levantadas pelo autor, os indivíduos na cidade e sua relação com ela? Ao descrever a crescente separação da ética moderna da deística e as fontes iluministas que nascem delas, bem como mostrar como a moral torna-se separada de sua fonte como uma razão processual e como a visão do Iluminismo e da natureza ganhou influência sobre a razão substantiva, o autor compreende o desenvolvimento das fontes morais unicamente modernas e usa termos como *self* e identidade definindo como múltiplos caminhos para sociólogos, psicólogos, teólogos e filósofos compreenderem o momento. Embora tenha sido escrita no meio do século XX, sua obra reflete o indivíduo, seu corpo e suas relações no século XXI.

1. O autor

Charles Taylor nasceu no Canadá em 1931 e foi educado em Oxford. Hoje, é considerado um dos principais filósofos contemporâneos, crítico das ideias de neutralidade política liberal. Professor de filosofia da McGill University, Taylor se destaca por seu interesse variado nas discussões sobre o conhecimento dos seres humanos, focando em seus trabalhos a formação da identidade humana, bem como pelo alcance que tem sua influência.

Além de *As Fontes do Self*, também é autor de *The Ethics of Authenticity*, *Hegel and Modern Society* e *Philosophical Papers*, entre outros importantes trabalhos.